

## Uma nova etapa

*Nove horas da noite e nada...*

*A noção de tempo, na sala de espera deste hospital, parece ter uma configuração diferente... deixa de ser o tempo dos relógios para passar a ser outro, eterno, um tempo que baila na nossa cabeça.*

...

*Tenho pulseira branca e estou já há horas, tantas, que já lhe perdi a conta, podem ter sido já ser já cinco, sete, nove.*

...

*Vendo a dor dos outros que aqui estão, tenho agora todo o tempo do mundo para pensar, assolam-me também lembranças da minha própria dor, da vida e da morte... os meus pensamentos flutuam neste momento...*

*Penso na minha vida, penso em mim próprio, recordo ...*

A dor da morte e a alegria profunda da vida estiveram sempre entrelaçados na minha vida desde que nasci.

Sim, exatamente no dia em que nasci, foi diagnosticado cancro ao meu avô materno, o avô Joaquim. Ele era, assim como uma nuvem, flutuando vagarosamente por aquele vasto manto azul a que chamamos céu, sem qualquer destino definitivo, aproveitando cada segundo da vida, agarrando-o pelo máximo tempo que conseguisse.

Não sei exatamente quando é que ele se foi embora, pois procurou cura no estrangeiro, mas sei que tantas e tantas vezes desejei e como desejo hoje, aqui e agora que voltasse, que aqui estivesse presente, neste dia que sei que sonhou e sonhou muito.

Recordações do meu querido avô Joaquim, tenho muitas: da infância solarenga, dos abraços calorosos e da feliz ignorância, mas aquela de que eu mais gosto de recordar era quando ele se sentava ao meu lado e me contava todo o tipo de histórias, de como era traquina enquanto criança e de todas as aventuras que me contava. O avô Joaquim fazia as melhores filhoses do mundo: farinha, ovos, açúcar, canela e muita confusão naquela cozinha que a avó Maria, procurava ter sempre um brinco e que acabava sempre imunda com as nossas guerras de farinha. E a graça disto tudo é que, na sua casa, o espírito de Natal chegava em qualquer altura do ano, bastava um piscar de olho cúmplice e a pergunta: Vamos fazer filhoses? Sim, o Avô Joaquim faz parte das minhas memórias de infância, aquelas luminosas e sorridentes.

A sua morte não o levou de mim, isso eu sei. Dou por mim, tantas e tantas vezes, a encontrá-lo num abraço, numa gargalhada ou num olhar de um desconhecido...

\*\*\*\*

*Afinal, nesta sala de espera de hospital, o tempo está a brincar comigo, isso é um facto. Os segundos correm uns atrás dos outros, cada vez mais rápidos, como se num eterno jogo da apanhada, sem alguma vez olhar para trás. Seguem-se-lhes os minutos e, eventualmente, as horas.*

*E de repente, sem darmos por isso, penso que nada sei da Leonor, a minha mulher, que espera o nosso filho e da qual não tenho informações já há bastante tempo...*

Evoco a Leonor...

Estes últimos meses têm sido, mais uma vez, meses de alegrias imensas e apreensão profunda. Vem-me à memória a manhã longínqua que nos trouxe hoje a este hospital e a esta maternidade. A minha manhã tinha começado mal. Passei a noite acordado com a Leonor doente, a vomitar, a nossa máquina de lavar inundou-nos a cozinha e ainda cheguei uma hora atrasado à minha reunião por causa do trânsito.

A Leonor ligou-me a meio da manhã a dizer que vai fazer uns exames, uma vez que a má disposição durava já há uns dias, queria ter a certeza se não haveria algum problema de saúde mais grave. Mas, se me dissessem que os vinte minutos seguintes iriam mudar por completo, não só o meu dia, como a minha vida, nesse momento, eu não acreditaria.

Acabei a reunião e fui ter com ela. Encontrei-a, sentada na sala de espera, lavada em lágrimas, a ler e reler o relatório já ensopado. Olhámo-nos, ela sorriu e disse: “Temos de comprar um berço, quero um azul”.

Creio que nem lhe respondi... Congelei. Deixei de sentir o corpo, nos minutos seguintes imaginei os próximos dez anos, os churrascos ao fim de semana, os brinquedos espalhados, os jogos de futebol. Naquele dia, fui o homem mais feliz do mundo, mesmo com a cozinha inundada por completo. A segunda frase da Leonor foi: “Artur. Vai ser Artur. Artur é o nome do teu avô paterno de que tanto gosto, e agora vai ser o nome do nosso bebé e repetia: “Quero um berço azul!”.

A única coisa que ouvia era o meu coração, pulsava de forma descompensada, parecia que tinha acabado de correr a maratona, todo sangue do meu corpo se tinha acumulado no coração e fiquei pálido por completo. Nós, pais ...

Depois foram os meses da gravidez e de se procurar saber, a cada instante, se estaria tudo bem com a mãe e com o bebé. Cada ecografia, cada noite mal dormida era motivo de apreensão, logo seguida de descompressão.

\*\*\*\*

Lembro-me tão bem do dia em que a conheci, de lhe ter perguntado o nome e de ela, com o seu sorriso tão característico, me ter respondido: “Leonor” ... Esse nome não causava qualquer ressonância em mim, não conhecia nenhuma Leonor e ainda nem tinha chegado à fala com a Leonor que “descalça” ia “para a fonte”. Marcou-me e, ao estudar, uns anos mais tarde, esta Leonor, a da lírica de Camões, perguntei a mim mesmo se ele a tinha conhecido numa reencarnação qualquer. “Leonor”, “descalça”, “cabelos de ouro entrançados”, “tão linda que o mundo espanta” ...

\*\*\*\*

Amigos de infância...

Lembro-me de todos os dias de férias que passámos juntos. Dos passeios tardios com o meu avô Artur, em que, sempre com um sorriso e sempre com paciência eterna, se falava de tudo e de nada. Da vida... e de lhe fazer falar de recordações que eu desconhecia.

Lembro-me de nós, miúdos, a escavar túneis na praia e a ficarmos desapontados por não termos chegado ao Havai (e só mais tarde percebi que o Havai não ficava ali, do outro lado da rua!). Lembro-me de surfarmos as ondas da praia (quer dizer, não tínhamos pranchas, a prancha era o nosso corpo que retesávamos o mais que podíamos) e de guerreararmos para ver quem conseguia ser empurrado para mais longe. Lembro-me ainda dos jogos de cartas e do grupo de amigos, maior, que fomos fazendo: o grupo da praia. O grupo dos verões intermináveis, das músicas, do tempo sem tempo para a obrigação...

\*\*\*\*

*Desperto dos meus pensamentos ao ouvir no microfone do Hospital:*

*Sr. Artur Mendes, por favor dirija-se ao balcão para lhe serem dadas informações sobre o seu familiar...*

*Olho a sala de espera. São já onze horas da noite e morro de fome. Na máquina já pouca coisa há e sinto-me a escolher entre nada e coisa nenhuma...*

*Coloco as moedas, ...*

*Ouço de novo: “Sr. Artur Mendes, por favor dirija-se ao balcão para lhe serem dadas informações sobre o seu familiar...”*

*Onde estará o Sr. Artur Mendes? Foi sugado deste buraco negro que é esta sala de espera? ...*

Ouvir o nome “Artur”, trouxe-me à memória o meu avô paterno, o avô Artur que tem cancro...

Creio que os tratamentos, finalmente, estão a resultar com o avô Artur, está tudo encaminhado. Ainda mais dois meses de medicação e tudo voltará ao normal! Por vezes pareceu que ele tinha perdido mais uma das suas muitas lutas, mas este monstro disfarçado de azar não irá, mais uma vez, levar a melhor.

Por vezes acho que nunca saí daquela sala de hospital em que entrei há uns anos atrás. Tinha-lhe sido diagnosticado cancro e a possibilidade da morte entrelaçava-se, mais uma vez, na minha vida. Lembro-me tão bem de olhar para as cadeiras vazias da sala de espera, minutos a fio... Aquelas cadeiras com o padrão xadrez e esburacadas, sobre as quais a auxiliar, exausta pelo serviço, e a ver o meu ar de espanto depois de me ter saído a frase: “Eia, que cadeiras tão velhas!” me dizia, em tom brincalhão: “Ó menino, não estão velhas, é “vintage”. Mas a mim, parecia-me doloroso, tal como estas cadeiras velhas, ver o meu avô Artur, sempre tão forte e com tanta energia passar agora para um mundo de decrepitude.

O meu avô Artur... sempre tão forte...

Às vezes, nas visitas ao hospital, lia-lhe poemas, especialmente quando estava debilitado da quimioterapia, lembro-me de um em específico, do Fanha, como carinhosamente o tratava, e pedia-me para nunca me esquecer destes versos, nunca:

“Eu sou português aqui  
Em terra e fome talhado  
Feito de barro e carvão)  
Rasgado pelo vento norte  
Amante certo da morte  
No silêncio da agressão.”

Sim, nessas idas ao hospital, comecei a perceber muito melhor as minúcias deste e de outros poemas... “feito de barro e carvão” tal como o oleiro e o mineiro que os trabalham mas também, eles próprios, frágeis como o barro, como o carvão... Também eu sou feito desta massa. Não me posso esquecer.

Ou daquele outro, um poema do Manuel Alegre, que se tornou música e que o avô Artur a ouvia, muitas vezes, na sua casa e que me parecia tão triste: “como um cristal partindo-se, plangente... que nunca mais acenderás no meu, o teu cigarro”. Agora, esta música e perante esta hospitalização tornava-se tão diferente...

\*\*\*\*

*Continuo com fome e à espera de notícias da Leonor que possam ecoar na instalação sonora.  
Será que já nasceu o nosso filho Artur? Será que ela está bem?  
Um filho..., vou ser pai, vamos ser pais.*

Fazem agora tanto sentido os poemas que o avô Artur nos dizia, aos dois, há tantos anos atrás. Imaginaria ele que nos casaríamos um dia?

A mim, dedicava-me este excerto de um dos livros de poemas do Fanha, autor que ele tanto adora:

“Meu muito querido filho  
lembra-te que o vento  
é a casa mais segura para quem sonha  
e que os dedos servem  
para tecer os fios da lua  
e afagar o corpo das mulheres.”

À Leonor, que já era do meu grupo de amigos, visita da casa e que ela já tratava como se fizesse parte da família e a assumia como a neta que não tinha, sussurrava-lhe este:

“Entrai pelas florestas e tocai em cada tronco  
para que ele  
de folha em folha:  
vos reconheça e diga:  
estas são nossas irmãs! Vamos dançar!

Amai como quem cavalga o vento!  
Sede mágicas e grandes por dentro do coração!  
Não deixeis que injustiça ou mesquinhez  
façam ninho à vossa porta.”

Será que saberemos os dois ensinar ao nosso filho Artur a ser pedra que une, a ser oceano de mansidão, a ser sábio e a percorrer caminhos de bondade? Saberemos avô Artur, teremos de saber... A nossa história de amor vem de ti e continuará pelos nossos filhos e netos.

\*\*\*\*

Quando era pequenino, lembro-me de perguntar ao avô Artur o que era o amor? A sua resposta vaga, simples, num sorriso entre dentes não me saciava: “ O amor não o é, sente-se.”- Dizia. A seu tempo, compreenderás o que é o amor, descansa.  
Poucos anos depois, entendi: é ela avô, é a Leonor!

Estamos juntos vai fazer três anos, uma paixão antiga... Não somos o casal mais romântico, talvez por culpa minha, mas às vezes gosto de observá-la enquanto dorme, sentir-lhe o respirar, gosto de ver o filme favorito dela uma e outra vez, gosto de a ver perigosamente a dançar, gosto de lhe fazer o pequeno-almoço, ou o que resta das torradas queimadas que se tornaram a minha especialidade. Eu vejo tanto de meu avô Artur nela... Ela é amor, toda ela o transborda, é capaz de iluminar a sala mais sombria, é das pessoas mais sensatas e destemidas que conheço. Imagino-me sem ela e temo.

Sim, percebi claramente que a Leonor era “O meu Amor urgente” quando o Avô Artur me ofereceu uma carta, de há tempos atrás, que a Leonor lhe entregou por altura do seu primeiro internamento. A acompanhar a carta um piscar de olho, lembrando-me a minha pergunta de miúdo: “o que é o amor?”

Ainda queres saber o que é o amor? disse-me... pois lê esta carta da Leonor:

“Queria escrever-te uma carta de despedida mas não sei despedir-me de ti “meu querido avô adotivo” pois sabes bem que te trato como avô desde que, bebé ainda, perdi os meus.”

Mais à frente a carta continuava:

“Eu era ingénua. Inocente. O mundo podia estar a arder mas eu era feliz, pois nada disso me afetava. É como se tivéssemos um período de experiência do “milagre da vida” e, assim que assinamos o contrato do nosso futuro, o conto de fadas começa a ruir. As cores vibrantes que nos rodeiam esmorecem.

O meu período de experiência durou cerca de 14 anos. A minha família estava unida e (quase) completa, tinha algumas amizades que eu considerava verdadeiras, as notas eram de excelência sem sequer ter de fazer grande esforço. Foi então que as doze badaladas tocaram, e eu fiz 15 anos. No espaço de um ano a vida tratou de virar tudo do

avesso: de repente o meu querido avô Artur não estava bem — se calhar tu já não estavas antes, se calhar aquelas visitas todas ao médico tinham uma razão de ser, se calhar eu sempre pensei que tu eras imortal.

É injusto, a vida é injusta. Se eu antes disse que a morte é uma coisa curiosa, então digo agora que a vida é injusta. E é disso que eu te quero falar. De que serve este mundo se não para darmos valor ao que realmente interessa? Lembro-me, contigo de experimentar pela primeira vez o afeto de outra pessoa que não o da minha família e isso te agradeço do fundo do meu coração.”

Penso agora, mais uma vez, que felizmente que o Avô Artur não morreu e que esta não foi uma carta de despedida da Leonor ao seu avô do “coração” e que o amor é muito mais do que o amor dos olhares, dos tempos fáceis, da vida fácil e ligeira.

\*\*\*\*

*Bolas, Demora assim tanto tempo a ter um filho? Será que a Leonor está bem? Porque não me dizem nada? Malditos hospitais! Malditas maternidades!*

Lembro-me e rio-me agora do tempo que demorei em pedir a Leonor em casamento!

Numa das visitas ao hospital, para vermos o meu avô Artur, por ocasião de um dos seus internamentos, pensei: “É hoje, vou pedi-la em casamento!”. Nem me passou pela cabeça comprar um anel e reconheço que um pedido destes, numa sala velha de hospital, não era o que a Leonor merecia, mas há coisas que não podiam esperar ou então foi o meu jeito que não as soube fazer melhor.

Escrevi um e outro rascunho do que queria dizer, numa receita de um medicamento que tinha de ir levantar e perguntava-me o que a farmacêutica iria achar desta minha obra.

Depois, cheguei ao impasse mais torturante, o que é, na realidade, o passo mais difícil deste grande pedido, o que devo dizer? Como expressar em cinco linhas o amor de anos, o amor de uma vida, espero e penso. Como é que eu lhe digo que, de cada vez que olho para ela, parece que temos dez anos outra vez? Como é que lhe digo que tenho a sensação de que já estamos atrasados, que uma vida ao lado dela parece-me pouco, que quero todos os minutos dos tempos, que estivemos separados, de volta.

Sempre a correr atrás do tempo.

Depois de andar às voltas e de me aperceber de que realmente me estava a perder em pensamentos e de que nada do que dissesse seria bom o suficiente para lhe chegar aos calcanhares, decidi ir em frente sem qualquer preparação. Assim o fiz e honestamente não me lembro do que disse, mas, entre choros e palmas, ouvi um “sim” incrédulo.

A primeira pergunta vinda da Leonor foi: “Porquê agora?”. E eu, com o meu sorriso indiscreto respondo-lhe: Há coisas que não podem esperar, “nós” não podemos esperar”. Se calhar foi por virmos os dois visitar o meu avô ao Hospital.

\*\*\*\*

*Oiço agora na instalação sonora da sala de espera: “Acompanhante da Sr<sup>a</sup> Leonor, por favor dirija-se ao balcão para receber informações sobre a sua familiar...”*

O meu filho, o nosso filho Artur acabou de nascer. Neste tecer de alegrias e dores que é a vida esta entrega-me agora um prazer imenso, um prazer sublime: uma nova vida despontou.

Felizmente que o avô Artur ainda vive para gozar a felicidade de ver um bisneto.